

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Prólogo

A tarde estava calma, anunciando que seu fim se aproximava e que a noite seria agradável. Satoshi podia sentir isso e muito mais no ar, mas nocautear três homens é uma atividade que não traz a tona o melhor de nós, ao menos quando estamos falando de situações de vida ou morte.

Satoshi Makoto estava calmo, contudo. Por alguma razão, tudo havia corrido bem. Talvez bem demais. O fato é que os três que Satoshi encontrou não eram grande coisa, o que era estranho.

É claro que não seria a primeira vez que criminosos internacionais faziam um trabalho porco, mas a Grey Star não é um grupo de criminosos quaisquer.

Quando Ben apareceu lhe pedindo ajuda, Satoshi pensou automaticamente que as coisas seriam difíceis.

– Até onde pude investigar – disse Ben Elias –, teremos oito ou nove homens guardando o lugar. Tenho certeza que fazem parte da Grey Star, ou que são de algum grupo associado. Seja como for, não quero levar ninguém despreparado. Com você e François, eu posso estar certo de termos aproximação silenciosa e ação efetiva. Se ficarmos encurralados, terei 20 homens treinados nas proximidades. Posso contar com você, Satoshi?

É claro que poderia. Eram poucas as coisas que Satoshi Makoto e Ben Elias não fariam um pelo outro. Assim, lá estava ele, prestes a entrar em uma pequena mansão fechada há anos. Derrubara três dos guardas ainda do lado de fora, e os três podiam usar aura, mas Satoshi teve a impressão de que um deles mal conseguiu ver o que o atingiu.

Talvez seja um novato descuidado.

Mas, se esse era o caso, por que os outros dois se defenderam tão mal? O elemento surpresa estava a seu lado, Satoshi sabia, mas ainda era dia, o que fazia tudo ser arriscado, e Satoshi esperou alguma resistência.

Tac, tac... tac, tic, tac... Tiquetaqueava o relógio de Satoshi em um constante tom destoante que ele soube o que significava.

Ben já entrou. Não posso ficar aqui me perguntando por que os guardas são pouco preparados. Tenho de agir imediatamente.

E agiu. A mansão estava cercada por plantas que chegavam a 1 metro de altura, contendo algumas árvores mais altas aqui e ali. A fachada era antiga e deteriorada, com uma área de lazer que compreendia todos os quatro lados da residência.

Satoshi Makoto já havia tomado o cuidado de esconder os três homens inconscientes. Rapidamente tomou lugar próximo a uma das janelas que pareceu-lhe mais fácil de abrir sem chamar atenção, a qual foi aberta com incrível facilidade, e inspecionou o ambiente além das paredes.

Ninguém a vista. Sendo assim...

Entrou antes que pudesse piscar os olhos pela segunda vez. A luz do Sol não invadia a casa, salvo um ou outro raio desacompanhado que atravessava o teto há muito estragado.

Satoshi podia sentir que alguém estava próximo. Alguém que não lhe era amigável queria descer as escadas. Silenciosamente, o intruso ocultou sua presença em si mesmo e lançou-se para as sombras inescrutáveis atrás da escada.

Os passos do recém chegado ao térreo eram despreocupados, mas indicavam alguém que tinha o hábito de se esconder. Quando o homem chegou ao térreo, Satoshi viu sua silhueta, enquanto o criminoso não sabia que alguém o observava.

– Leto – gritou o homem ao tirar o primeiro pé dos degraus, fazendo os cabelos de Satoshi se eriçarem com o temor de ter estragado o elemento surpresa –, quanto tempo mais?

– Cala a boca e vigia a porra do lugar – gritou uma voz em resposta –, ou você quer estragar todo o negócio?

O homem não questionou Leto pela segunda vez. Talvez Leto fosse o líder do grupo que estava ali.

Satoshi aguardou por três segundos, não mais. Percebendo que não havia ninguém, focalizou a aura nos olhos para encontrar qualquer coisa indesejada e, como não encontrasse, abandonou as sombras e partiu como um relâmpago em direção ao homem aos pés da escada.

Fortaleceu seu punho e mirou o pescoço desprotegido de seu alvo... que esquivou no último instante. O alvo mexeu o braço na intenção de contra-atacar, mas não foi rápido o bastante. A outra mão de Satoshi estava lá para impedir seus movimentos.

Satoshi mirou agora pelas costas, que estavam mais próximas... seu punho saltou para trás com uma dor latejante. O homem, para surpresa do intruso, concentrou tanta aura nas próprias costas que elas estavam duras como concreto. Saltou para o lado e afastou-se do intruso enquanto gritava.

– Leto, aqui embaixo, tem um...!

O punho serrado de Satoshi impediu que a frase fosse completada.

Satoshi sentiu os dentes de seu adversário se deslocando, mas o homem não caiu. Não gritou de novo, mas seus olhos queimavam de fúria como duas pequenas chamas ameaçadoras no meio da escuridão.

Esse não vai ser tão fácil quanto os outros!

Foi tudo o que pôde pensar antes que o homem investisse contra ele em alta velocidade. Já havia sacado uma faca e procurava pela garganta do intruso. Quão surpreso não ficou ao perceber que a sua própria garganta não mais lhe teria utilidade.

Provavelmente a fúria lhe tardou os sentidos, nublando a visão e impedindo que o homem vislumbrasse o brilho súbito que surgira ao contorno da mão direita de Satoshi. Mas o motivo não era importante agora. O fato é que essa falta de atenção em um instante custar-lhe-ia a vida.

As chamas em seus olhos apagaram como que por mágica e, em seu lugar, Satoshi entreviu o medo da morte. Mas aquilo não seria o suficiente para Satoshi. Se o grito anterior e todo o barulho causado pelo embate – que, por sorte, não foi muito – já não tivessem alertado a todos na casa, as próximas ações daquele homem alertariam. Além disso, este já era um guarda condenado.

O próximo golpe foi fatal. A mão direita de Satoshi, ainda envolta em aura reluzente como um raio, atravessou o crânio daquele homem como se fosse de manteiga, muito diferente da resistência que o pescoço apresentou um segundo atrás – com certeza já não protegia o corpo com nenhuma aura. Era o fim para ele, que cairia com estardalhaço se Satoshi não o segurasse a tempo, repousando-o calmamente no chão próximo às escadas.

Desculpe, mas você é forte demais para vencer sem fazer barulho.

Satoshi não mais se sentia mal quando matava alguém... e era exatamente isso que o assustava agora. Sempre partilhou de um respeito tremendo pela vida. Aquela insensibilidade a uma vida que se esvaía lhe causava espanto e terror. Sensações que o deixavam sem entender como passou a ser agente de paz da ONU. Alguém como ele não poderia evitar de matar algumas pessoas, por mais que se esforçasse. Como conseguiu se adaptar ao cargo? Isso ainda era um mistério para Satoshi.

Sentiu o sangue ainda quente daquele homem sem nome que jazia a sua frente e, com inacreditável insensibilidade – ao menos a seus próprios olhos –, virou-se para o andar de cima para ouvir cuidadosamente o que a voz de Leto falava.

– O que é? – dizia a voz, que se aproximava devagar sem parecer preocupada.

Satoshi Makoto silenciosamente retornou às trevas atrás da escada e ocultou sua presença. Torcia para que pudesse acalmar sua mente a tempo de evitar ser captado pelo possível zanshi que Leto, ou alguém que pudesse vir com ele, poderia ser capaz de usar.

Conseguiu acalmar a mente quase de imediato. Pouco se lembrava do cadáver próximo, mantendo o foco apenas nos sons emanados pelos passos que vinham do andar de cima.

Satoshi não ousava usar seu zanshi no momento, também não amplificaria a visão com sua aura, pois julgou ser justamente esse o motivo de ter advertido o guarda anterior a respeito do ataque que estava por vir.

Ele com certeza não era usuário de zanshi, não podia sentir quaisquer intenções no recinto. Só percebeu minha presença quando eu focalizei aura para amplificar a visão e ver se não haviam armadilhas feitas por ele.

Faria melhor desta vez. Ocultaria sua presença o mais que pudesse. Só se revelaria no momento certo, a menos que fosse forçado a fazer algo antes.

Os passos de Leto estavam agora bem acima de sua cabeça, Satoshi percebeu.

– Franky, o que foi que houve? – questionou Leto, sem obter resposta.

Satoshi aguardou a próxima ação.

– Fique aqui – novamente falava a voz do homem chamado Leto –, mas fique atento a tudo. Olhos vivos!

Ele não está sozinho.

Isso dificultava as coisas para Satoshi. Felizmente, contudo, Leto não aparentava ser usuário de zanshi, ou provavelmente já teria percebido uma "intenção de esconder" de alguém bem abaixo de seus pés.

O estardalhaço que a janela causou ao quebrar dispararam as defesas de Satoshi, que emanou aura por todo o corpo instintivamente.

Inferno! Inferno! Inferno!

A luz invadiu o recinto. Mesmo que ainda fossem trevas serradas, como antes, Satoshi já não podia mais ficar escondido após revelar sua presença. Arriscou tudo naquilo que julgou ser sua melhor opção. Atravessou o cômodo em que estava o mais rápido que pôde.

A dor veio forte de sua coxa esquerda pouco antes de invadir o cômodo contíguo. Algo o cortou profundamente. Provavelmente um dos dois que o viram na sala atrás de si.

Passou os olhos rapidamente pelo novo cômodo. Alguns móveis velhos e muita poeira, mas nada que pudesse parecer uma pessoa ou uma armadilha. Parou de imediato. Teria de enfrentar Leto e o outro de frente. Não conhecia suas habilidades, mas não havia outra maneira.

– Aí está você – sussurrou uma mancha negra que se aproximava vinda do cômodo anterior; era a voz de Leto. Pegue-o, Atlas!

Sem nem mesmo saber o que a segunda mancha negra faria, as duas mãos de Satoshi iluminaram um pouco o lugar, permitindo que Satoshi enxergasse o rosto tenro e imberbe do jovem que fora chamado de Atlas.

– Venham todos aqui agora! – trovejou Leto chamando pelos companheiros que poderiam surgir a qualquer instante.

Tenho de ser rápido! Nada de hesitar, Satoshi!

Não hesitaria. Não apenas sua vida dependia disso, mas a vida de Ben e de François também poderiam correr perigo.

O jovem Atlas era rápido. Entretanto, Satoshi não teve dificuldade alguma para mover o corpo cinco centímetros para a direita – não mais que isso –, permitindo que a lâmina da espada de Atlas cortasse o ar próximo a seu abdômen.

Atlas com certeza não notou o breve instante no qual sua espada silvou enquanto atravessava a sala ainda com partes dos dedos dele junto a seu cabo.

Satoshi quis gastar um segundo a mais para deixar o jovem inconsciente em vez de matá-lo. Um segundo a mais. Um segundo no qual Leto estaria perto o bastante para atacar.

Satoshi não hesitaria. Não hesitaria.

O crânio de Atlas ofereceu mais resistência que o de Franky – *esse era seu nome* –, mas cedeu no instante em que Satoshi virou o rosto para capturar a mancha que se movia em sua direção e que tomava a forma de um homem maduro cuja face retinha algumas cicatrizes.

A sala se tornou tão clara quanto o dia estivera lá fora no momento em que o punhal de Leto pegou fogo.

Isso não afetou Satoshi em nada. Não seria a primeira – e com certeza não seria a última – vez que via uma técnica elemental que criava fogo. Talvez fosse algo mais perigoso. Satoshi não esperou. Investindo, atacou primeiro e se viu bloqueado pela adaga de Leto, que se movia com rapidez.

Uma e outra investida... bloqueadas. Tantas mais, e sempre bloqueadas. As centelhas de fogo e pequenos relâmpagos que nasciam do atrito entre a adaga em chamas e os punhos luminosos poderiam ser admirados por um observador, mas foram ignorados pelos dois que ali batalhavam.

Ele é bom. Muito bom. Mas acho que apenas nas habilidades básicas. O que acontece se eu...

Leto viu-se desprotegido quando Satoshi segurou seu punhal flamejante pela lâmina com uma das mãos e o atirou para longe. Sua expressão então revelou ao inimigo que não esperava por aquilo.

Não é tão bom assim, Leto. Por isso que mandou aquele garoto para a morte? Para criar uma brecha em mim?

Satoshi percebeu que agora tinha um segundo ou dois para deixar aquele homem inconsciente sem matá-lo. Percebeu também que, pela primeira vez naquele dia, não se importava com isso.

Mais afiada que qualquer lâmina que Leto encontraria na vida e mais rápida que o sacar de qualquer espada, a mão reluzente de Satoshi mirou o coração de Leto. Atingindo seu ombro esquerdo no último instante.

Vivo, desgraçado, você pode tirar algumas dúvidas.

Os gritos de agonia do pobre diabo inundaram o recinto até que o cotovelo de Satoshi calou a fonte. Não tinha medo que o barulho atraísse os outros – se ainda não aparecera ninguém, significava que Ben e François fizeram o que deviam –, simplesmente não queria ouvir os gritos.

Quando o corpo semi-vivo de Leto atingiu o chão, Satoshi lembrou que deveria parar o sangramento do ombro dele.

Como se quisesse punir o homem com sua própria arma, apanhou o punhal do outro lado da sala e, quase sem lembrar como fazer, conseguiu envolvê-lo em chamas. Não chamas fortes e ameaçadoras como as que Leto usou, mas suficientes para deixar a lâmina vermelha em alguns segundos. Suficientes para estancar o sangue, queimando os vasos sanguíneos expostos.

Alguém apareceu em resposta ao barulho. O macacão com as seis facas de Ben Elias surgiu do outro lado da sala com poucos traços de sangue para maculá-lo. Olhando Satoshi, Ben inquiriu-o sobre a situação.

– Tudo vai bem. – respondeu Satoshi.

Enquanto se levantava, sua visão passou rápido pelo cadáver do jovem Atlas. Satoshi não conseguiu deixar de pensar em seus filhos ao ver o corpo inerte do rapaz ali no chão. Trouxe os pensamentos de volta para o presente e olhou para Ben.

– Esse deve ser o líder – apontou para Leto estirado no chão –, e cuidei de outros cinco. Só três estão vivos.

Parou um momento e olhou de novo para Ben.

– Onde está François? – perguntou.

– Está lá fora. Pedi que ele garantisse que ninguém nos surpreenderia enquanto estivéssemos aqui. Disse a ele para entrar apenas se soasse um alerta.

Ben Elias olhou o velho amigo ali, fitou o corpo de um jovem caído a seu lado, e tornou a olhá-lo.

– Satoshi – disse –, vou acordar esse aqui e perguntar algumas coisas. Por que você não espera lá fora? Você já fez mais do que o suficiente. Você cuidou de seis deles. Eu, de apenas dois.

Satoshi não respondeu. Apenas se virou e saiu.

Não percebeu o tempo passar enquanto estava sentado do lado de fora. François o avistou e falou com ele para confirmar que tudo estava em ordem. Satoshi limitou sua resposta a um aceno de cabeça.

Perdeu-se em seus pensamentos. Tentou não pensar, mas o rosto de Atlas vinha à mente e lembrava-lhe de Brian e Michael. A cara de Leto vinha à mente ao lado da face sem forma de Franky, e elas lhe lembravam de fatos acontecidos há muitos anos. Tentou não pensar, mas não resistiu.

Escurecera. Foi a voz de Ben, alguns minutos depois, que tirou Satoshi de seus devaneios. Ben lhe disse que pouco mais que meia hora havia passado, mas Satoshi sentia como se fosse a noite inteira.

Contemplou a silhueta noturna da cidade de Nova York a sua frente. Não estava longe do início da metrópole. A mansão, pensou Satoshi, seria um ótimo lar aos que queriam viver próximos, mas fora da cidade.

– Como está a perna? – questionou Ben ao perceber que a coxa do amigo ainda sangrava.

– Eu já cuidei disso – mentiu Satoshi enquanto pressionava o ferimento com um pedaço de tecido que sacou do bolso.

Ben olhou-o firmemente por um momento antes de falar.

– Apenas armas, Satoshi – disse Ben. Não muitas, mas armamento pesado. Ele disse que foram contratados para vigiar essa casa e a mercadoria durante a noite.

– Então eles não fazem parte da Grey Star? – inquiriu Satoshi Makoto.

– Tudo indica que não. Esse Leto não é tão bom mentiroso assim para conseguir me enganar, meu amigo.

– Valem muito? Eu me refiro às armas que eles estavam protegendo.

– Não – respondeu Ben com pesar na voz. E é isso que me preocupa, Satoshi. O valor das armas é considerável, mas devem valer pouco mais que a quantia paga ao grupo que estava protegendo o local – ponderou por um segundo. Isso faz sentido para você?

– Faz – respondeu Satoshi de imediato. Esse lugar e essas pessoas são apenas um engodo. Sabe se eles foram contratados realmente pela Grey Star?

– Parece que sim. Eu acredito que sim.

– Então a Grey Star nos queria aqui por alguma razão. Talvez para desviar nossa atenção de algo mais importante.

Ben sentou ao lado do amigo e encarou-o por alguns instantes.

– Você não perdeu o tato, meu caro – disse Ben, e sacou o celular de um dos bolsos mais protegidos do macacão que usava. Tocando a tela com o polegar, procurava por algum arquivo. Achou uma mensagem com algumas imagens e tomou a palavra novamente: – O diretor Graham entrou em contato comigo pouco depois que eu enviei os resultados que obtive aqui, Satoshi. Veja isso.

A pequena tela de 3 polegadas continha imagens de armas de grosso calibre e grande poder destrutivo. Satoshi pensou ter visto alguns quilos de C4 entre algumas metralhadoras em uma das fotografias.

– Foram enviadas pra você? – perguntou Satoshi.

– Sim. O diretor me enviou. São de outros dois locais ao redor da cidade e de um armazém dentro do perímetro urbano. Todos similares ao que encontramos aqui. Ao que parece, Satoshi, a Grey Star preparou um pequeno show de mágica para nos deixar longe do evento principal. Eles contrataram pequenos grupos para proteger esses locais. Grupos capazes de oferecer alguma resistência, mas que não fossem tão caros. Pessoas descartáveis que chamariam a atenção da Interpol.

– E vocês caíram – disse Satoshi em tom sóbrio.

– Sim. Caímos – respondeu Ben de forma natural.

Não falaram mais por algum tempo. Satoshi apenas pensou nos filhos enquanto tentava afastar as desagradáveis lembranças de sua mente. Logo estaria em casa e os rapazes já teriam chegado também. Isso o ajudaria a melhorar seu ânimo.

Foi sugado de volta à realidade pela exclamação de Ben ao seu lado.

– Já sabemos qual era o evento principal, Satoshi! – disse Ben, que agora olhava uma nova mensagem em seu celular como fizera há poucos minutos.

Satoshi encarou-o, esperando pela explicação.